

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009

Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

**EXPERIMENTAR COM AS MEMÓRIAS DE SIMONE DE BEAUVOIR: A
LEITURA, A VIDA E A ESCRITA.**

Marcelly Camacho Torteli Faria

Universidade Estadual de Campinas

(CNPQ)

[marcellycamacho@hotmail.com]

“Tenho vontade de escrever; tenho vontade de frases no papel, de coisas de minha vida postas em frases” (BEAUVOIR, 1961).

Desde há muito tem se pensado na relação entre a vida, a leitura e a escrita, inquietação capaz de mobilizar nossas experiências e pensamentos para viajar no universo da presente pesquisa que trabalha com a idéia de leitura experimental de uma obra literária como também da vida, potencializadoras da escrita e de outras leituras possíveis como em um processo inesgotável.

Mas como iniciar a apresentação deste texto por meio de uma discussão que se encontra recortada pelo tempo em sua pluralidade experimentada? O futuro no entrecruzamento com o passado e o presente. O tempo que aqui não se reduz apenas às categorias representacionais cronológicas em que desponta o presente, o passado e o futuro como linearidades comprováveis. Como se o tempo se diluísse na variabilidade da vida/leitura/escrita como experimentação dos atos de ler, tatear, ver, cheirar, viver, ouvir, saborear e escrever. Atravessamento do tempo nas sensações; sensações não como qualidades verificáveis, mas como vibrações, realidades intensivas (Deleuze, 2007, p.51).

Por esse prisma, é estranho tentar tocar a vida com as mãos das palavras. Pois a vida sem nome, aquela que está por ser criada, se constitui em um conjunto de

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**
Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



forças na experimentação com o passado/futuro/presente, na multiplicidade dos encontros entre ler, viver e escrever. A busca ávida pela vida. Mas de que tipo de vida se trata? Algumas de suas facetas intensivas - profissionais, amorosas, literárias, alimentares, filosóficas, eróticas, amigáveis, familiares e tantas outras mais – são indubitavelmente, potencializadoras das práticas de escrita e leitura. É a vida que se reivindica a si mesma, ainda sem nome e sem forma, quase sem fronteiras entre o natural e o cultural. Tudo se entrecruza, se dispersa, se mistura, se perde, se encontra e também se diferencia no exercício de ler, escrever e viver, na companhia de um livro eleito; eleito para nos acompanhar e também nos ajudar nas relações com as coisas.

Quando nos deparamos com um livro emprestado por uma querida amiga, o qual foi muito recomendado durante uma viagem de ônibus, em meio a uma conversa prazerosa – dessas em que falamos sobre as coisas da vida –, o tomamos como uma espécie de tesouro. E carregamos o livro conosco como a um amuleto da sorte ou um talismã sagrado¹, tal aquele descrito por Benedito Nunes, em seu texto *Ética e leitura* (1999), a partir da ideia de Calvino acerca dos antigos talismãs.

Assim temos o livro como um “amuleto”; o livro como um objeto mágico e assustador, sobrenatural e ficcional, sempre novo a cada leitura. Mas, “não sei o que é um livro. Ninguém o sabe. Mas sabemos quando encontramos um (DURAS, 2001, p. 36). É com a leitura que a magia, o horror e uma multiplicidade de universos são produzidos, reproduzidos, territorializados, desterritorializados e atualizados na relação com as palavras. O ato de unir e deslocar as frases na constituição do tempo em sua pluralidade. De acordo com Nunes (1999), a verdadeira leitura renova e amplia a nossa experiência.

Também é pertinente aproximar o livro/talismã daqueles caderninhos de anotações *hypomnemata*, livro de vida, de uso, espécie de agenda que os antigos levavam para que nele pudessem anotar tudo o que lhes parecesse importante, fossem

¹ De acordo com o *Dicionário Larousse cultural da língua portuguesa* (1999, p.855), o termo talismã tem origem na palavra grega *télesma*, que significa cerimônia religiosa. É um objeto mágico, amuleto, que, de modo geral, se atribui a virtude de efeitos maravilhosos, de comunicar poder sobrenatural, de ações mágicas ou protetoras.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



trechos de obras ou coisas a serem feitas, lembradas, relidas, meditadas; uma espécie de memória material. É quase como um objeto místico para quem é místico. Conta-se, por exemplo, que Teresa de Ávila² substituí a sua oração mental pela leitura e Simone de Beauvoir, em uma das passagens de seu primeiro livro de memórias também ressalta o caráter sagrado de suas leituras favoritas:

Os livros de que gostara tornaram-se uma bíblia da qual eu hauria conselhos e ajuda. Copiei longos trechos, aprendi de cor novos cânticos e novas litanias, salmos, provérbios, profecias, e santifiquei todas as circunstâncias de minha vida recitando esses trechos sagrados. Minhas emoções, minhas lágrimas, minhas esperanças não eram menos sinceras por isso; não me valia das palavras, das cadências, dos versos, dos versículos para fingir; mas eles salvavam do silêncio todas essas aventuras íntimas de que não se podia falar a ninguém. Entre mim e as almas irmãs que existiam algures, fora de meu alcance, criava-se uma espécie de comunhão; em lugar de viver minha historiazinha particular, participava de uma grande epopéia universal (BEAUVOIR, 1983, p.189).

Deste modo, o livro eleito para vencer esse desafio foi a primeira obra memorial de Simone de Beauvoir - *Mémoires d'une jeune fille rangée (Memórias de uma moça bem-comportada)* - e a experiência de sua leitura. Experiência não no sentido de se pôr à prova, mas no sentido do encontro com o livro. Encontro como acontecimento que também permitiu a fuga da leitura/exata/interpretação de sua obra e desencadeou a ideia e a experiência de se ler “sem objetivos”, de se penetrar nas histórias, de se surpreender com o novo e com a possibilidade de múltiplas leituras/vidas, sob o lume da experiência e do atravessamento sensorial.

O fato é que somos tomados por certas leituras da mesma forma que acontece quando apreciamos, embriagados, o aroma de um perfume ou as cores de uma paisagem, um pôr do sol, a escuridão da noite, a nascente de um rio, sem contar os sabores que também nos invadem e que podem variar de um doce preferido ao de uma fruta azeda. Durante a experimentação, quase chegamos a nos perder entre as coisas;

² Cf. BARTHES, R. Leitura. In: Enciclopédia Einaudi. vol. 11. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



por alguns instantes, quase somos a natureza, as cores e os sabores. Eles não são frutos de nossa consciência porque não são estáticos como foram definidos pelo pensamento fenomenológico-existencial – o ser *Em-si* – o objeto descrito por Sartre (1997). Mas experimentamos a relação **com** eles que ativam nosso pensamento e geram a criação. Por esse aspecto, ler integra um processo de acolher sensações e ser acolhida por elas, colher dados, selecionar paisagens e passagens da vida, de um texto ou de vários textos, escolher seus fragmentos e ser escolhido por eles, reunir suas partes e trabalhar na criação do pensamento, de sentidos que compõem um corpo total ou parcial que faz surgir o incorporal³ (lugar da criação), ou seja, o efeito que se produz do encontro de dois corpos – o leitor e o livro no momento da leitura:

Em latim, *legere* significava primitivamente “colher: olivas, nozes, pequenos frutos; indicando, entretanto, o gesto da mão que recolhe no sentido de ajuntar. A esse, outros sentidos se entreteceram: *ossa legere* é “recolher os ossos de um morto após a incineração” e *legere oram*, “ladear uma margem”. Agora, não são apenas a mão e o olho que constroem o semantismo do verbo; todo o corpo participa dele: “caminho, recolho os traços que figuram uma orla”.

Mas *legere* é também escolher, o que talvez já estivesse presente no primitivo verbo, pois o homem, ao colher, recolhe e escolhe: olivas, nozes, pequenos frutos; os traços de um caminho imprevisto.

Ler, na acepção moderna do termo é, pois, uma metáfora, cujas raízes conhecemos apenas de modo aproximado: ela pode derivar, segundo os especialistas, de expressões como *legere oculis*, “reunir (as letras) com os olhos”. De qualquer maneira, há na palavra ler a presença do olho que anda ao longo da página, colhe signos e recolhe sentidos que vão sendo ajuntados uns nos outros: ler é um verbo “corporal” (FONTES, 2000, p.77).

A leitura como encontro corporal que produz o incorporal. Ler é o verbo no infinitivo – o incorporal – que não acontece em um tempo cronológico porque está sendo sempre... Na eternidade. A palavra eternidade vem do grego – *aionios* – e não deve ser entendida como um tempo sem fim, mas, de outra maneira, como um tempo longo e indefinido. O incorporal (acontecimento) que se dá no instante da eternidade – tempo aiônico (DELEUZE, 1992). Nesse sentido, a leitura de uma obra não pode ser

³ Cf. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é um conceito? In: _____. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



compreendida em sua totalidade, posto que a tradição tenha se perdido na era moderna. Contudo, as obras estão sempre dispostas a serem experimentadas, de diferentes modos, como que iluminadas em alguns pontos que se uniram em um conjunto de sentidos ou em determinadas partes nas quais foram colhidas algumas sensações que não exigirão, de outro modo, a completude como forma absoluta de sua compreensão. Os fragmentos ou as partes podem nos levar à busca de uma totalidade, qual seja o próprio caminho de se resgatar a leitura de uma tradição que, entretanto, só parece existir como a ideia de tradição – um nobre saber. Mas isso será considerado, tão somente, mais uma forma de entrada na leitura, na medida em que ler é o “incontrolável” que pode realizar as mais diferentes trajetórias. Falamos, então, de um corpo texto ou livro que, na relação com o leitor, produz múltiplos sentidos, quase sempre acompanhados de uma deformação/criação que essa relação implica.

Ao fechar-se para ler, ao fazer da leitura um estado absolutamente separado, clandestino, em que o mundo inteiro se abole, o leitor – o leitor – identifica-se com dois outros sujeitos humanos – na verdade bem próximos um do outro – cujo estatuto requer, da mesma forma, uma separação violenta: o sujeito amoroso e o sujeito místico [...] o sujeito-leitor é um sujeito inteiramente transferido para o registro do Imaginário; toda a sua economia de prazer consiste em *curar* a sua relação dual com o livro, fechando-se sozinho com ele, com o nariz sobre ele, como a criança está colada à mãe e o apaixonado suspenso da face do ser amado (BARTHES, 1987, p.196).

Sabemos que Roland Barthes é considerado um dos representantes e constituidores do pensamento “estruturalista”, o que tornaria incompatível associá-lo ao pensamento de Deleuze e Guattari – considerados “pós-estruturalistas”. Entretanto, não é nossa intenção discutir as classificações identitárias que encerram os pensadores em lugares fixos que nos impedem de utilizá-los em outros contextos. Nossa preocupação é discutir a prática de uma leitura experimental e para isso nos agenciaremos com os pensadores que poderão nos ajudar a investigar, a pensar e a compor essa questão.

Barthes fala a respeito de se produzir com a leitura um estado clandestino,

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



separado e isolado, mas relacionaremos também a clandestinidade ao sentido que Clarice Lispector deu à palavra no conto “Felicidade clandestina”. O que significa dizer que clandestino não será associado apenas a uma ideia de terror proibido ou sensacional, quando sim comparado também a uma espécie de maravilhamento que vem, contudo, imbuído de uma série de inquietações e intensas problemáticas como são os instigantes dilemas de nossa vida – vida sempre coletiva, vida que sempre produz vida na relação com a leitura e a escrita.

Só para citar dois exemplos de nossos encontros – há muitos outros –, Kafka, escritor tcheco e Clarice Lispector, escritora brasileira de origem ucraniana. Dois escritores que não por acaso nos obrigaram a sair da tradicional posição de leitores, daqueles que esperam ser orientados pelo/a narrador/a para percorrer uma história em sua linearidade e na de seus personagens. Desde então, poderemos pensar que já não somos mais os/as mesmos/as leitores/as e escritores/as porque mudamos com as transformações artísticas, industriais, arquitetônicas, literárias, digitais etc. que se processam no mundo. O que implica, a uma modificação das sensibilidades com relação ao tempo e às nossas experiências (BENJAMIN, 1994). A sociedade moderna que produzimos, sendo também por ela produzidos e modificados, por assim dizer, com a cultura, o avanço das técnicas e das máquinas. Com base nisso, é possível aferir que a prática da leitura se modifica e não mais entramos da mesma maneira em qualquer texto. Seja ele de natureza filosófica, clássica, científica e/ou literária.

[...] as boas maneiras de ler hoje, é chegar a tratar um livro como se escuta um disco, como se olha um filme ou um programa de televisão, como se é tocado por uma canção: todo tratamento do livro que exigisse um respeito especial, uma atenção de outra espécie, vem de outra era e condena definitivamente o livro. Não há nenhuma questão de dificuldade nem de compreensão: os conceitos são como sons, cores ou imagens, são intensidades que convêm a você ou não, que passam ou não passam. ‘Pop’ filosofia. Não há nada a compreender, nada a interpretar (DELEUZE, 1998, p.10).

Nesse sentido foi discutida a possibilidade de conceber a leitura como experimentação do livro *Mémoires d’une jeune fille rangée*, tanto da escritora quanto



dos/as leitores/as e pesquisadores/as. Exercício de aprendizagem que não pressupõe regras preestabelecidas; aprendizagem pelo avesso, ou seja, que não segue as regras convencionais do ensino de leitura e escrita.

Em seu primeiro livro memorial Simone de Beauvoir narra a própria história, desde a infância até sua entrada na *agrégation*, exame seletivo para os professores que pretendem lecionar no Ensino Médio, nos Liceus franceses. A escritora conta, de forma romanesca, os acontecimentos de sua vida e sua relação com eles, sem por isso deixar de lado suas fraquezas e fúrias diante das adversidades da existência, bem como das maravilhas e dificuldades da infância, da juventude, em uma retroalimentação de experiências com sua vida que, por ora, seja adulta, em devires de anciã.

Vale assinalar que o importante desta leitura não é simplesmente a compreensão de seu aspecto linguístico, mas as intensidades de vida que podem ser lidas por experimentações que fogem ao controle do escritor e do leitor. Neste sentido, é oportuno dizer que a leitura experimental não se refere também ao sentido experimental que a palavra adquiriu no campo da psicologia moderna, por exemplo. O que podemos aproveitar dessa definição é somente a prática repetitiva dos experimentos que se dão tanto com animais como seres humanos em uma forma de aprendizagem que os aproxima – adestramento. Ler e escrever como exercício contínuo, repetição diferente e infinda. E mesmo que se tenha considerado a possibilidade de prever e controlar o comportamento como uma das contribuições da teoria de Skinner⁴ para o campo da psicologia, destacamos apenas o fato de que um condicionamento também pode funcionar como uma espécie de padronização do comportamento, isto é, como um modelo norteador de nossas relações com os outros. É por este aspecto que evitamos a aproximação, como se tal modelo pudesse ser capaz de nos proteger das facetas imprevisíveis a que as experiências da vida e de leitura nos expõem continuamente. Por isso nossa proposta não se reduziu à modelagem de

⁴ Cf. SKINNER, B.F. As causas do comportamento. In: _____. *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Cultrix, 1982.



quaisquer comportamentos que pudessem ser controlados e transpostos para um modelo padrão de se fazer leitura e escrita.

Ora não é possível experimentar qualquer tipo de neutralidade em face da leitura de um livro que nos ajuda a viver, a pensar, a sentir... De qualquer modo, a leitura sempre implicará uma relação particular e, ao mesmo tempo geral, entre o leitor, o escritor, o livro e suas palavras. Falamos de uma leitura que dificilmente poderá ser explicada. Como bem lembra Barthes (1987, p.184), “a palavra ‘leitura’ não remete para um conceito, e sim para um conjunto de práticas difusas [...]. É preciso então não ter método – há assuntos que não se podem tratar com método”.

É digno de nota que a experimentação com as leituras da obra *Mémoires d'une jeune fille rangée*, de Simone de Beauvoir, nos lançou ao exercício de outras leituras e conexões com algumas de suas obras, dentre sua extensa produção literária, além da leitura de vários/as outros/as escritores/as. Acreditamos que a arte literária de Beauvoir não se configura apenas como uma forma de ler e conhecer o mundo, tal como foi por ela registrado em suas memórias. Interessa-nos mais a abertura para a relação de leitura com a história, antes que ela venha ser representada por uma narratividade ordenada em começo, meio e fim.

Em outros termos, a leitura experimental está diretamente relacionada às sensações do encontro que se diferenciam do experimentalismo de um método. Por conseguinte, a intenção é apontar possibilidades de leitura com uma obra que nos afectou à expressão de leituras que possam afectar outros leitores.

Um trabalho acadêmico pode ser constituído por pequenos ensaios? Este foi. Por escritos miúdos, aos quais chamaremos recortes, a partir da ideia proposta por Deleuze e Guattari (1992) em *O que é a filosofia?* Os recortes são entendidos como traçados em um plano seja ele artístico, filosófico ou científico que buscam a criação de sentidos na convivência com o caos – na prática da leitura e da escrita – neste caso, em meio à multiplicidade dos livros (memoriais, ficcionais e filosóficos), dos universos e da vida de Simone de Beauvoir, com seus leitores.



Do mesmo modo, o termo ensaio⁵, neste contexto, já explicitaria, de antemão, uma forma de experimento, ou seja, de exercícios como tentativas – experiências com a leitura, a escrita e a vida (na relação com as coisas e os “corpos”) –, a liberdade para ler, pesquisar e escrever acerca de um assunto ou tema, sem a pretensão de criar modelos ou apontar soluções, oportunizando conexões sempre originais, bem como afirmando a singularidade daquele que se afete por uma obra literária ou por alguma experiência vivida. Dessa forma, procuramos apresentar um texto como um opúsculo que versa sobre alguns temas, por meio de experimentações com a vida, a leitura e a escrita, sem que o ordenamento e a linearidade da leitura se tornem essenciais.

Se por um lado a leitura experimental se define como abertura e o descontrolo às experiências da vida, leitura e escrita, por outro lado, recorre aos saberes históricos e filosóficos para evidenciar como se chegou à concepção de um “eu” moderno – e a sua escrita – que se diferencia dos primeiros escritos de si dos homens antigos. A escrita de si no mundo antigo era um exercício praticamente diário como o registro da relação do homem com o mundo – com as forças do Fora, ou seja, na relação com a vida pública, à natureza – e não a busca pela revelação de um “eu” cristão, íntimo, profundo e/ou burguês... Um sujeito que ainda não se inscreve no registro de uma interioridade a ser confessada e cujos primórdios datam da era cristã até a modernidade. As experiências como matéria-prima para a escrita. Foucault (2006), em suas últimas escrituras, discorre sobre essa prática – *A escrita de si* – como um exercício de si que implica a relação com o outro, com as coisas e o mundo.

O poder de se afectar a si mesmo e com os outros, a capacidade de afectação mútua até quase se chegar a um nível de indistinção, em nosso caso, da própria leitura e escrita. O afecto a que nos referimos é diferente da ideia de afeto como a representação de um sentimento. O afecto aqui é como um *ser* de sensação que transborda o vivido; excede o que alcança a representação de uma experiência,

⁵ Cf. HOUAISS, A. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



abrindo passagem às sensações (vibrações) como em movimento de criação (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

Com a contribuição das ideias de Foucault (2006) também nos referimos à prática de uma pesquisa que envolve a escrita a respeito do que se gravou no pensamento acerca de leituras realizadas. E o que se gravou? Pequenos blocos/ ensaios de aprendizagens com leitura e escrita.

Inicialmente nos deparamos com a criação e a morte da idéia de Deus constatada e discutida por Nietzsche (1976). Mais tarde encontramos o gradual surgimento da noção de um sujeito moderno e burguês que foi destacada de maneira crítica por Benjamin e questionada positivamente por Foucault, Deleuze e Guattari. O “eu” moderno, profundo e interiorizado em uma subjetividade territorial se dilui com a ideia de agenciamento coletivo ao se romper com uma suposta unidade do sujeito. Sinteticamente falando, o agenciamento tem dois aspectos – é agenciamento maquínico do desejo e coletivo de enunciação, sendo composto por três tipos de linhas; 1) as linhas de segmentaridade “dura” - instituições, dispositivos de poder e subjetivação); 2) as linhas de segmentaridade “flexível” – são as íntimas e, ao mesmo tempo, as que atravessam as sociedades/ são as linhas que não têm o mesmo ritmo da nossa história e por onde passam as verdadeiras mudanças; 3) linhas de fuga - que são migrantes e nômades/ linhas políticas de experimentação ativa (DELEUZE; GUATTARI, 1977).

E o que nos pode parecer estranho, a nós que vivemos em uma sociedade tão individualizada, é afirmar a própria inexistência do indivíduo (GALLO, 2003). Assim, não podemos falar aqui somente da leitura de um sujeito que escreve e de outro que lê.

Destarte, pensaremos a produção escrita sempre na relação com a leitura experimental, não apenas como estruturante, mas acima de tudo “acontecendo”. Escrever não é certamente a imposição a uma forma, (expressão)⁶ a uma matéria vivida [...] “Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.11).

⁶ Acréscimo nosso.



A escrita – escrever – é da ordem do acontecimento, verbo no infinitivo. E já não foi pequeno o “progresso” (movimento de expansão) que abriu, ao romance da sociedade burguesa, um lugar na velha tradição aristotélica da epopeia, expressão nobre da arte (MASSAUD, 1971). Pois que tão logo, vivemos dias em que já se coloca a saturação do romance. Época das informações e conhecimentos em rede, do computador, das cartas e diários virtuais, da televisão, do cinema, enfim... Tudo isso põe em questão o lugar da leitura e da escritura em nosso mundo.

Por este aspecto trabalhamos a leitura experimental como a relação de atravessamento entre a leitura e a vida que faz surgir o imponderável; o acontecimento como o incorporal. A leitura como busca que se processa desmedidamente na relação com o pensamento. O pensar como atravessamento de territórios – o território do pensamento na profundidade pré-socrática, as viagens ao inferno abissal, caótico e o sobrevoo às alturas com os pássaros das ideias platônicas, na busca de conquistar, entretanto, como Hércules, o homem/herói, que vaga sempre pelos três reinos, a superfície da terra (DELEUZE, 2003) – Não mais o Dionísio das profundezas, ou Apolo lá em cima, mas o Hércules das superfícies, “na sua dupla luta contra a profundidade e a altura: todo pensamento reorientado, nova geografia” (DELEUZE, 2003, p.135).

A *escrita de si* e a escrita do “eu”. Diferentes formas de experimentação com a linguagem; produções que se cruzam e se atravessam como o tempo na leitura e na escrita. De acordo com Foucault a *escrita de si* aparece no mundo grego por volta do século I e II, época em que ainda não se falava em autobiografia. A relação de si consigo mesmo estava ligada, por assim dizer, a esfera pública do cidadão da polis – e foi citada por Foucault como as relações do aprendiz com seu mestre, os amigos, com a natureza e a sociedade. Uma escrita diária⁷, de cartas que narra os fatos do cotidiano puro e simples como forma de aprendizagem das experiências vividas – também

⁷ A escrita do que podemos chamar de “diário” – na Grécia Antiga – se configurava como uma técnica do *cuidado de si*, ou seja, um exercício do espírito para lembrar do que foi vivido (FOUCAULT, 2006).



chamadas de meditações – que são uma forma de buscar a preservação dos acontecimentos da fragilidade de nossa memória (FOUCAULT, 2006).

Já a escrita do “eu” aparece, por sua vez, com o discurso cristão – com o início da constituição do sujeito moderno - através de uma leitura específica, digamos religiosa, que Santo Agostinho fez dos clássicos – de Platão, dos neo-platônicos e da cultura greco-romana, de forma mais geral. Assim encontramos os primórdios da criação da noção de pessoa - indivíduo que confessa seus pecados e suas verdades “íntimas” a um Deus pai. Um Deus, que apesar de ser considerado onipotente, nos impele a confissão - uma relação que tem por fim obter a redenção de nossos pecados. A despeito de encontrarmos nas Confissões de Agostinho as marcas retóricas da cultura clássica, o filósofo africano esboça uma primeira pista com relação à concepção de interioridade (BAKHTIN, 1993), isto é, do universo da intimidade que será construído simultaneamente com a esfera privada da sociedade industrial burguesa.

É com os seres humanos que vivem no tempo e que percebem sua própria condição, que a reflexão de Agostinho sobre o tempo nos conduzirá ao contraste da temporalidade humana e da eternidade divina.

Mas, será somente com Rousseau que deixaremos, a princípio, esta segurança absoluta e divinatória que encontramos na figura de Deus. Assim, se por um lado nos libertamos do julgamento divino – Deus está morto, como bem disse Nietzsche⁸ –, de outro lado estaremos, agora, abandonados à própria sorte, na solidão das horas. Não percorreremos mais o território absoluto das certezas que o tempo apresentado por Agostinho nos garantia, pois ao entrar na modernidade, na revolução que as ciências geraram na terra e que despontaram, no caso das *Confissões* de Rousseau, no embate do homem consigo mesmo, estaremos em um tempo tipicamente humano, sem a presença e a segurança justificada do olhar divino. Agora a salvação está na literatura.

Em sua narrativa, Rousseau delimita claramente a passagem do período da

⁸ Cf. NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*: prelúdio de uma filosofia do futuro. São Paulo: Hemus, s/d.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



infância, juventude à idade adulta. Se o filósofo não nos conta histórias clássicas e heróicas, por outro lado idealiza a vida, a começar pela infância – estágio supostamente “ideal” porque mais próximo da natureza. Assim é que ele defende a necessidade de nos abandonarmos à vida interior, pois considera o homem naturalmente bom e, ao mesmo tempo, aquele que é suscetível de ser corrompido pela austera sociedade.

A questão que se apresenta, desta forma, é a sinceridade do homem que se conta e a investigação da criação do gênero autobiográfico – no sentido moderno do termo, como escrita do “eu”/constituição do sujeito – inaugurada por Rousseau, especialmente, com a escrita de suas *Confissões*. Podemos dizer que Jean Jacques aparece nas *Confissões* de forma romanesca e, ao mesmo tempo, como um “anti-herói” romântico. Também não seria exagero afirmar que o estilo autobiográfico deste filósofo suíço influenciou, em grande medida, várias gerações de escritores/as que o sucederam em toda Europa – Chateaubriand, George Sand, Goethe, Proust, Gide, Virginia Woolf, Sartre, Simone de Beauvoir, Bataille e até mesmo Kafka. Com sua escrita, Rousseau cria uma nova concepção de linguagem, que não é mais apenas as descrições das atividades cotidianas – como os exercícios de memorização, as técnicas de si que faziam os gregos –, tampouco, as confissões dos atos às alturas de um olhar divino – à maneira de Agostinho, mas a entrega às “invasões” das lembranças, dos sentimentos, como uma passividade livre e produtora, que pode ser traduzida no abandono feliz a um poder interior – dos sentimentos - que se transpõe na escrita. Simultaneamente, os escritos autobiográficos de Rousseau vão colocar em questão não apenas o conhecimento de si, mas o reconhecimento de J.Jacques pelos outros. “O problemático aos seus olhos não é a clara consciência de si, a consciência do ‘em-si’ e do ‘para-si’, mas a tradução da consciência de si em um reconhecimento vindo de fora” (STAROBINSKI, 1991, p. 189).

É neste sentido que a transparência por si só não basta na escrita de Rousseau. É necessário, ainda, que esta transparência seja reconhecida e capaz de convencer os outros. Starobinski se reporta inúmeras vezes à necessidade que Rousseau tem de ser acolhido por seus leitores. Um acolhimento no qual se vêm implicadas a

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**
Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



potência solitária do escritor e a testemunha solidária do leitor - não como algo dado e pronto -, mas uma tarefa a ser criada.

Particularmente no caso de Beauvoir e seu constante exercício da escrita do “eu,” arriscamos supor que a escrita do “eu” é, ao mesmo tempo, a busca da aprendizagem da escrita, o que poderia aproximar a trajetória de um “eu” em busca de um si. De qualquer maneira, trata-se da busca por formas melhores para se viver, da ajuda da escrita e da leitura na relação com a vida, não como um alvo a ser atingido, mas uma abertura às experiências intensas/violentas a serem vividas.

E mesmo que a experimentação envolva o risco, da mistura de elementos insolúveis, por exemplo, ela permite um forte contato com a vida e os acontecimentos criativos. Na abertura dos encontros, a convivência com o caos, o descontrole, o indefinível. Isto é, os sentidos no convívio com a prática da leitura, escrita com a vida, defendidas aqui como caos, pode, por meio de traçados intensivos, expressar uma multiplicidade de leituras, que não suportariam estar agrupadas ou ter organização fixa em um único corpo textual, sem que perdessem o princípio daquilo que é ensaístico e, portanto, experimental. Devemos ressaltar ainda que, por essa ótica, as histórias antigas dos mitos gregos muito podem nos dizer, haja vista que é nelas que encontramos o caos como a expressão da vida primordial; vida anterior ao registro do que se convencionou chamar de vida em certo tempo e numa determinada ordem ou época. O próprio caos teria gerado a noite e o dia e foi considerado, por isso, o filho do tempo⁹.

De qualquer forma, é sempre necessário retornar do “país dos mortos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992) para fazer surgir expressões criativas. Assim, o caos não pode ser considerado uma potência negativa quando sim uma das possibilidades intensivas da criação. A leitura dos recortes das memórias de Beauvoir – a vida e a escrita, o nascimento, o primeiro amor, o álbum de fotografias, a boneca, a menina e a escola, a infância – formam também linhas de delimitações das experiências vividas como lembranças pela escritora no tempo. Mas são experiências atravessadas pelo

⁹ Cf. GUIMARÃES, R. *Dicionário de mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 1972.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



embaçamento da relação com os/as leitores/as, em meio à prática experimental de leitura. Atividade que torna as imagens narradas mais confusas e embaçadas. Porque, na leitura da escrita memorial, uma das coisas que surge é a multiplicidade de “eus” – em suas diferentes idades – Beauvoir menina/velha/jovem/mulher – que, na relação com os/as leitores/as, produz conexões com suas vidas; o encontro com uma multiplicidade de “eus”. Nos escritos do terceiro volume das memórias da pensadora francesa encontramos:

No espelho, eu veria outra imagem: mas não há espelho, nunca houve espelho. Por instantes, não sei bem se sou uma criança que brinca de adulta, ou uma mulher que se recorda [...]. Durante dezoito meses, com altos e baixos, dificuldades e alegrias, agarrei-me a essa ressurreição: uma criação, uma vez que apelava tanto para a imaginação e a reflexão quanto para a memória (BEAUVOIR, 1965, p.99-100).

O trecho acima integra uma série de anotações da escritora que até então não haviam sido publicadas. E... Durante a leitura podemos nos perguntar – como conviver em face deste cenário que pode ser pensado como um tempo plural e intenso? Como um caos potente a envolver os atos de leitura e escrita? Sair deste caos e retornar sucessivas vezes a ele como o próprio movimento das produções que nos obrigam a pensar e a criar... Segundo Deleuze e Guattari em *O que é a filosofia?*(1992), traçados, esboços, recortes. Recortes de leitura e de escrita fora do tempo e do lugar correto. Correto? Existe lugar correto? Os recortes de escrita e a leitura com os vários “eus” de Simone de Beauvoir. Por este aspecto a leitura experimental implica, desde o início, uma relação **“com”**... Que se diferencia da separação fictícia – reivindicada pelo campo da ciência moderna – o abismo interposto entre o pesquisador/ cientista e seu objeto de investigação.

De qualquer forma, o que é válido destacar é que a escrita sempre foi uma terna companheira de Simone de Beauvoir. A escrita? A escrita pode ser carregada para todos os lugares como a leitura... – “Levei sempre a minha escrita comigo onde quer que fosse”, disse uma vez Marguerite Duras (2001, p.14), contemporânea de Simone de

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**
Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



Beauvoir. E repetimos ao pensar nas experiências de alguém com o universo filosófico e literário, mas principalmente na relação com a vida, às práticas de leitura e escrita companheiras do viver, das aprendizagens, dos processos de subjetivação contemporânea, das formas singulares de se relacionar com os problemas e a criação que se produz na convivência com eles, suas múltiplas saídas e bloqueios na composição de variedades artísticas – remetendo-nos aqui às idéias de Deleuze e Guattari. É principalmente desta escrita que falamos agora. Escrita como devir. Escrita que se faz em cadernos, cartas (Foucault, 2006) e bilhetes. Escritos a serem relidos e retomados no sentido de se exercitar o pensamento na relação sensível com os textos investigados, os obstáculos vividos e seus possíveis registros.

Deste modo, falamos do caráter experimental na escrita e especialmente na leitura. Trata-se de um trabalho que expõe seus rascunhos, esboços, tentativas, acertos e erros, suas fragilidades e criações. A maneira daquelas exposições artísticas que visitamos e nas quais são mostradas todo o processo do trabalho de criação das modelagens até a fundição em bronze, por exemplo, as séries de exercícios, moldes e esculturas em terracota. Tomaremos o extenso processo de trabalho criativo com o mesmo valor de sua edição final que, entretanto não poderia ser finalizadora, uma vez que implica uma infinda relação da arte com seus expectadores/as, dos músicos com seus apreciadores/as, do escritor/a com seus leitores/as, dos professores com seus alunos etc. A leitura e “a escrita vai muito longe... até acabar com¹⁰. É às vezes insustentável. De repente tudo adquire um sentido com relação à escrita, é de enlouquecer” (Duras, 2001, p. 25-26).

Mas esta busca a que nos referimos na relação com as coisas, não é representada – apenas pronunciável - de tocar a vida com a escrita, uma coisa *pequena* – coisa de mulher, como se costuma dizer, mas de mulheres que ousaram se expor com o toque da pena ou da máquina entre os dedos. Que fizeram de uma atividade tradicionalmente exercida por homens – a escrita/ o universo literário - uma

¹⁰ Grifo nosso.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**
Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



possibilidade de existência autônoma e singular também para as mulheres, como o fez Simone de Beauvoir.

Desta forma, o trabalho tecido em torno da noção de leitura experimental, nos permitiu tomar esta prática como criação contínua que envolve as forças que atravessam a vida na multiplicidade dos tempos, com as leituras e os escritos memoriais de Simone de Beauvoir e seus leitores. O que importa é o que se produz com leituras e escritas, o que nos força a pensar, a aprender e a viver melhor consigo e com os outros. Como bem assinalou Foucault (2006) com as práticas dos homens antigos, de leituras, pensamentos e escritas – experimentais, neste caso – como exercícios que possam nos ajudar no *cuidado de si* e no bem viver, o que implica o cuidado com os outros também.

Apresentamos algumas reflexões acerca da leitura experimental na busca de esclarecer que esta prática pode envolver a experimentação do encontro com um livro desejado, como foi este livro de memórias de Simone de Beauvoir, em uma relação sensível com as experiências da escritora – e as de seus leitores – que podem surgir em meio às descrições de outras obras em constante relação com o pensamento filosófico contemporâneo. E, então, nos deparamos com as essenciais contribuições de Foucault, Deleuze e Guattari na produção destes recortes de sentidos – com o caos – que nos fizeram pensar na relação fundamental entre a escrita, a leitura e a vida como abertura e contato com as coisas e os outros – aprendizagem infinda.

Leitura que é sempre releitura da vida e com as memórias de Beauvoir e as nossas memórias que atravessam as dela – diferentes repetições dos encontros escritores/as- leitores/as - na prática da entrega ao inesperado. Acontecem leituras que embaçam os sentidos predeterminados e borram as boas intenções de se interpretar uma obra, bem como a vida que, por sua vez, só podem oferecer passagem a múltiplas experimentações (DELEUZE; GUATTARI, 1977).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



AGOSTINHO, Santo. (2002) *Confissões*. Trad. de Maria Luíza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus.

BAKTHIN, Mikhail.(1993) *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Equipe de Trad. do russo de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Unesp.

BARTHES, Roland. *Leitura*.(1987) IN: *Enciclopédia Einaudi*. v.11. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

BEAUVOIR, Simone. (1983) *Memórias de uma moça bem-comportada*. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

_____. (2002) *O segundo sexo: fatos e mitos*. v. 1. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

_____. (1980) *O segundo sexo: a experiência vivida*. v. 2. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

_____.(1961) *Na Força da Idade*. v. 1. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

_____.(1965) *Sob o signo da história*. v. 1. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

_____. (1965) *Sob o signo da história*. v. 2. Trad. de Maria Jacintha. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

BEAUVOIR, Sylvie Le Bom; DEGUY, Jacques.(2008) *Simone de Beauvoir: Écrire la liberté*. France: Gallimard.

BENJAMIN, Walter.(1994) *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. v. 1. Trad. de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.

CALVINO, Ítalo. (2005) *Por que ler os clássicos*. Trad. de Perche Leggere i classici. São Paulo: Companhia das Letras.

DELEUZE, Gilles. (1987) *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária .

_____.(2007) *Francis Bacon: lógica da sensação*. Equipe de Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (2003) *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix.(1992) *O que é a filosofia?* Trad. de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: 34.

_____. (1977) *Kafka por uma literatura menor*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago.

_____.(1995) *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: 34.

_____. (1997)*Crítica e clínica*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire.(1998) *Diálogos*. São Paulo: Escuta.

Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa.(1999) São Paulo: Nova Cultural.

DURAS, Marguerite.(2001) *Escrever*. Trad. de Vanda Anastácio. Lisboa: Difel.

FONTES, Joaquim Brasil.(2000) *O livro dos simulacros*. Florianópolis: Clavicórdio.

FOUCAULT, Michel.(2002) *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Ditos e escritos. v. 1. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____. (2006) *O que é um autor?* Trad. de Antônio Fernando Cascais. Lisboa: Veja.

FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande.(1986) *Simone de Beauvoir*. Trad. de Oswaldo Barreto e Silva. Rio de Janeiro: Guanabara.

GALLO, Sílvio. (2003) *Deleuze & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica.

GUIMARÃES, Ruth.(1972) *Dicionário de Mitologia grega*. São Paulo: Cultrix.

HOUAISS, Antônio.(2008) *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

LISPECTOR, Clarice.(1987) *A felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MASSAUD, Moisés.(1971)O romance. IN: *A criação literária*. São Paulo: Melhoramentos.

NIETZSCHE, Friedrich.(1976) *A gaia ciência*. Trad. de Marcio Pugliesi. São Paulo: Hemus.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



_____. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Tradução Márcio Pugliesi. São Paulo: Hemus, s/d.

NUNES, Benedito. Ética e leitura. IN: BORZOTTO, Valdir Heitor (org). (1999) *Estado de leitura*. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB.

ROUSSEAU, Jean Jacques.(2008) *Confissões*. Trad. de Rachel de Queiroz e José Benedicto Pinto. Bauru: Edipro.

SARTRE, Jean-Paul.(1997) *O ser e o nada*. Ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes.

SKINNER, Burrhus Frederic. (1982) As causas do comportamento. IN: *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Cultrix.

STAROBINSKI, Jean. (1991) *Jean-Jacques Rousseau. A Transparência e o obstáculo*. Seguido de sete ensaios sobre Rousseau. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP

